



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CAMPUS AGRESTE
NÚCLEO DE FORMAÇÃO DOCENTE
CURSO DE PEDAGOGIA

LUCY MELO DE AGUIAR LIRA

PARALISIA CEREBRAL E APRENDIZAGEM: a inclusão na classe regular no ensino
fundamental I

Caruaru
2022

LUCY MELO DE AGUIAR LIRA

PARALISIA CEREBRAL E APRENDIZAGEM: a inclusão na classe regular no ensino fundamental I

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Pedagogia do Campus Agreste da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, na modalidade de artigo científico, como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciada em Pedagogia.

Área de concentração: Educação.

Orientadora: Ana Maria Tavares Duarte

Caruaru

2022

Paralisia cerebral e aprendizagem: a inclusão na classe regular no ensino fundamental I

Lucy Melo de Aguiar Lira¹

RESUMO

Com a inclusão obtendo mais espaço, crianças com deficiência vêm sendo inseridas em sala de aula regular. Com essa nova realidade, diversos educadores se encontram em um novo campo da educação, onde novos conhecimentos devem ser inseridos para a obtenção da aprendizagem e inclusão desses alunos com deficiência, dessa forma, objetivamos apresentar neste artigo as principais etapas e os papéis de importância nesse processo de inclusão do aluno com paralisia cerebral. Inicia-se com um breve levantamento sobre o que é a Paralisia Cerebral, sua causa, características, limitações, formas de aprendizagem e metodologias utilizadas pelo professor para inclusão do aluno com paralisia cerebral, além de pronunciar sobre mais um ponto importante para a inclusão do aluno, que é o mediador(a). Salientando que o papel do educador nesse processo de inclusão é criar e buscar novas metodologias de ensino. Mostrando seguidamente que para o caminho da educação inclusiva ocorre um trabalho em equipe, com a participação do mediador que auxilia a criança em todas as atividades e momentos de necessidades. Dessa forma, será proporcionada para o aluno uma participação ativa no processo sócio-político-histórico-cultural da sociedade.

Palavras-chaves: Educação inclusiva; Paralisia Cerebral; Aprendizagem; Metodologia.

DATA DE APROVAÇÃO: 02 de Setembro de 2021.

1 INTRODUÇÃO

A paralisia cerebral, deficiência que é comum se obter na infância, inicialmente foi descoberta por Sigmund Freud, um neurologista que estudava sobre a síndrome de Little. Cândido diz que:

O nome paralisia cerebral foi criado para diferenciar do termo paralisia infantil, também conhecida como poliomielite, que é uma doença infecciosa grave que causa a paralisia permanente em determinados músculos, já a paralisia cerebral é uma deficiência fisiológica que pode ocorrer no parto ou pós-parto até dois anos de vida,

¹Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: lucylira1003@gmail.com

afetando o desenvolvimento motor e cognitivo, envolvendo o movimento e a postura do corpo. (CÂNDIDO, 2004, s. p.).

Tratando da educação inclusiva para crianças com deficiência, estudos sobre este tema vêm crescendo para o auxílio e benefício dos professores que buscam praticar a inclusão, levando em conta que para que ocorra a inclusão existem vários fatores, não apenas a participação do professor. Tendo em vista que as escolas vêm abrindo mais espaços para que as crianças com deficiência sejam incluídas nas instituições de ensino regular. Porém há dúvidas que ocorrem sobre este tema, pois a inclusão não pode ser feita de qualquer maneira, desse modo, é necessário estudos para favorecer a educação das crianças com deficiência, objetivando o caminho da inclusão.

A escolha pela educação inclusiva se iniciou em uma experiência que tive, no estágio em uma escola privada, onde em uma sala de aula na qual eu auxiliava, havia sete crianças com transtornos diversos, a partir dessa experiência, minha atenção sobre a inclusão foi se intensificando. Tendo em vista a relevância deste tema para o momento atual, me deparei com uma última experiência que me impactou de uma forma mais profunda sobre a inclusão, quando passei um período sendo mediadora de uma aluna com paralisia cerebral em uma escola do município na cidade de Surubim, desde então, tentei construir e reconstruir a minha prática para atender essa aluna, por meio dos conhecimentos, tanto nos estudos já realizados, quanto no ambiente acadêmico, dessa forma, meu objeto de estudo se intensificou na parte da inclusão escolar de crianças com paralisia cerebral em sala de aula regular.

Observa-se que ainda contém a existência de um trabalho que separa por parte dos educadores, pois a prática da maioria ainda está presa aos métodos tradicionais, desta forma, dificultando a realização da inclusão. A inclusão deve ser um caminho para criar e recriar possibilidades de aprendizagem.

A grande dificuldade da escola e do professor para trabalhar com aluno que tenha paralisia cerebral pode ser a falta de conhecimento, auxílio da escola, a capacitação de alguns professores ou por falta de informações sobre o aluno, pois a paralisia cerebral tem alguns graus de lesões, e que deve ser trabalhada de maneiras adequadas para o grau da deficiência apresentada pelo aluno. (BUENO; RESA, 1995, s. p.).

Por essa perspectiva, aprofundarei nessa pesquisa os conhecimentos acerca da educação inclusiva com ênfase em crianças com paralisia cerebral.

1.1 Objetivos

Objetivo Geral

Compreender o processo de aprendizagem e inclusão de alunos com paralisia cerebral na classe regular no ensino fundamental I.

Objetivos Específicos

Conhecer as causas e características do estudante com Paralisia Cerebral;

Analisar o processo de aprendizagem e inclusão, mediante as metodologias utilizadas pelos docentes com os alunos com paralisia cerebral PC incluído em classe regular do Ensino Fundamental I.

Identificar a importância do mediador no processo de inclusão em sala de aula regular.

1.2 Paralisia cerebral: conhecendo o seu significado, causas e limitações

De acordo com Figueiredo (1983) a primeira vez que foi descrito algo sobre o assunto, foi em 1843, onde Little descreve em sua monografia sob o título: “Treatise on Deformities” a enfermidade que acometia crianças recém-nascidas caracterizadas por rigidez muscular, que se manifestavam mais nos membros inferiores, que, mais tarde passa-se a chamar de “Síndrome de Little”.

A partir de 1897, Freud em suas pesquisas, traz um novo termo “Paralisia Cerebral Infantil”, que mais tarde passa a ser abreviada e permanece apenas o termo Paralisia Cerebral. Resume-se, então, que a Paralisia Cerebral é ocasionada por distúrbios da função motora que tem início na primeira infância, muitas vezes acompanhados por paralisias, espasticidade ou movimentos involuntários dos membros.

Em 1948, Winthrop Phelps consagra o termo que, inicialmente, não possuía unidade etiológica ou sindrômica, mas era necessário devido à necessidade de dissociar a Paralisia cerebral (PC) de outras patologias, como a Poliomielite, que já se sabia tratar-se de uma paralisia periférica. O autor caracterizou-a como um grupo de encefalopatias que se constituíam por transtornos de ordem predominantemente motora (CARDOSO, 1971).

A lesão que ocorre no Sistema Nervoso Central (SNC) que causa a Paralisia Cerebral pode ocorrer antes do nascimento da criança ou até os dois anos de idade, mas o quanto antes o bebê for diagnosticado, melhor será para o seu desenvolvimento. A ausência de maturação do cérebro em tempo hábil durante o período pré, peri ou pós-natal, impede que, a criança não

desenvolva certas habilidades básicas, e fica privada de desenvolver atividades funcionais evidentes (BOBATH, 1995).

As lesões pré-natais são aquelas que ocorrem antes do nascimento, algumas doenças da gestante podem comprometer a formação das estruturas neurológicas do feto dentro do útero, como a diabete, a pressão alta e infecções virais como a rubéola e a toxoplasmose, além do uso de certas substâncias pela futura mãe (Ex: álcool, drogas e tabaco). Então quando isso acontece e afeta o cérebro ainda em formação pode ocasionar o que chamamos de Paralisia Cerebral ou PC.

As causas perinatais são as lesões neurológicas que acontecem no período que vai do começo do trabalho de parto até 6 horas após o nascimento. É um período curto em que o bebê passa por grandes transformações e que tem que se adaptar rapidamente. A prematuridade, o baixo peso, o trabalho de parto muito demorado, entre outras situações, o núcleo de atendimento à criança com paralisia cerebral predis põem o sistema nervoso imaturo a não efetuar essa adaptação com a rapidez suficiente, ocorrendo então à lesão. As causas pós-natais podem ocorrer logo após o nascimento (após as seis primeiras horas de vida) até os dois anos de idade, ou seja, durante a primeira infância.

As infecções como a meningite, os traumas cranianos e os tumores podem comprometer o sistema nervoso que ainda está se desenvolvendo. Quando esses problemas agudos são resolvidos, muitas vezes deixam “cicatrizes” que podem comprometer o desenvolvimento normal, levando às alterações clínicas típicas da PC. Após os dois anos de idade, o Sistema Nervoso Central SNC encontra-se completamente desenvolvido, portanto, o mesmo tipo de agressão ao sistema nervoso após essa idade vai causar sintomas diferentes, não mais definidos como PC.

Normalmente, o diagnóstico da PC demora a acontecer, uma vez que o dano cerebral só é investigado quando os cuidadores ou o médico percebem a carência dos sinais que indicam o desenvolvimento motor padrão. Além disso, é pouco comum que a criança seja espástica quando nasce, as alterações do tônus costumam se desenvolver durante o crescimento. Dessa forma, ela nasce aparentemente saudável e, com o passar do tempo, parece “ficar doente”, entretanto, na verdade, o que acontece é que os indícios (como a acentuação do tônus, alterações visuais e na fala) vão se tornando evidentes à medida que ela se desenvolve (GERSH, 2007; MARCONDES, 2002).

A Paralisia Cerebral pode ser dividida em três classificações principais, de acordo com o nível de prejuízo de movimento ocasionado no cérebro, são elas: espástica, atáxica e atetóide

discinética. De acordo com Bobath (1995), a criança espástica mostra hipertonia de um caráter permanente, mesmo em repouso. Já a forma atáxica na Paralisia Cerebral é muito rara, de difícil diagnóstico podendo ser confundida com bebê mole, neste tipo de PC a criança apresenta comprometimento do cérebro e das vias cerebelares, e suas principais características são falta de equilíbrio e de coordenação motora em atividades musculares voluntárias.

A forma atetóide discinética de acordo com Hagberg (1969 apud BOBATH, 1995), diz que muitos fatores etiológicos contribuem com este grupo variado, sendo a incompatibilidade sanguínea, o fator de importância fundamental para que ocorra a Paralisia Cerebral do tipo atetóide discinética, tem como característica: instabilidade do sistema muscular apresentando; movimentos involuntários de pequena amplitude.

Como as manifestações físicas da PC são muito variadas, empregam-se classificações para auxiliar a compreensão das principais limitações ou dificuldades da criança. A classificação pode ocorrer com base na localização da lesão cerebral ou de maneira topográfica.

Bobath e Bobath (1989) categorizam a PC em cinco diferentes condições:

Diplegia - Todo o corpo da criança é afetado, mas as pernas são mais do que os braços. Toda criança diplégica é espástica, e a espasticidade é normalmente simétrica. Um grande número de crianças diplégicas pode apresentar estrabismo.

Quadriplegia - Todo o corpo da criança é afetado. Pode ser dividida em: a) Atetóides: os membros superiores e o tronco são as partes mais acometidas. Caracteriza-se pela presença de movimentos involuntários. b) Espásticas: os membros inferiores são afetados na mesma intensidade que os superiores e o tronco. Existe, neste caso, uma grande diferença de comprometimento entre os dois lados do corpo da criança, o que ocasiona assimetrias tanto de postura quanto de movimento. Além disso, há comprometimento na fala e na coordenação ocular.

Hemiplegia - Somente um dos lados do corpo é afetado. Em casos de hemiplegia, geralmente as crianças são espásticas, mas podem desenvolver atetose distal com o passar do tempo. Pode haver, ainda, casos de crianças com hemi-atetose, mas essa condição é raramente encontrada.

Monoplegia - Somente um dos membros é afetado. É muito mais rara e, com o passar do tempo, normalmente torna-se hemiplegia.

Paraplegia - Somente a parte inferior do tronco e os membros inferiores são afetados.

Dentre as discussões sobre Paralisia Cerebral, é visto que esse distúrbio compromete o desenvolvimento normal do cérebro e os movimentos se tornam progressivo, dessa forma é necessário que seja realizado tratamento. O treino/exercício específico permitirá ao indivíduo condições de melhorar sua qualidade de vida e também dessa forma facilitando seu processo de aprendizagem e inclusão escolar.

1.3 Processo de aprendizagem de alunos com paralisia cerebral

Por conta da Paralisia Cerebral, a criança pode vir acompanhada ou não de transtornos intelectuais ou cognitivos, dessa forma, pode adquirir o conhecimento através da exploração do meio, da manipulação de objetos, da repetição de ações e do domínio do próprio esquema corporal com relação a situações de perigo, segundo Tabaquim (1996) ela necessita do controle maturacional do sistema nervoso.

Segundo Lorenzini (2007 apud OLIVEIRA; MENDES; ROSSLER, 2009).

Como o comportamento do indivíduo depende também das experiências com o ambiente, com o próprio corpo e com os outros, a criança acometida por Paralisia Cerebral, ao não vivenciar essas situações, não organiza suas sensações e não reage naturalmente frente a uma experiência sensorial. Sendo assim, a aquisição de novas habilidades e o aperfeiçoamento das já vivenciadas, se ocorrem, demoram muito mais tempo, dependendo da gravidade do caso. (LORENZINI, 2007 apud OLIVEIRA; MENDES; ROSSLER, 2009, p. 41).

É visto que a criança necessita de contato com o meio para obter conhecimento, através do domínio de objetos, da repetição de ações e do domínio próprio do esquema corporal, para que possa identificar possíveis situações de perigo é necessário que o sistema nervoso central, tenha maturação suficiente para desenvolver tais habilidades. Portanto, a criança com PC, por ter a limitação natural, ela fica limitada ao pensamento e raciocínio para execução de tarefas básicas, perdendo oportunidades concretas de ampliação de aprendizagem em seu repertório.

Leitão (1983) relata este fato quando diz que:

A associação, a mielinização e a riqueza de neurônios são elementos que determinam, em parte, a evolução da linguagem e da aprendizagem. A gravidade vai desde uma mínima alteração de pronúncia ou articulação até a ausência de linguagem. Dislexia e disgrafia são comuns na fase escolar. A Paralisia Cerebral pode dificultar a aquisição da linguagem, embora possa contar com as composições que o sistema Nervoso seja capaz e com os movimentos automáticos conduzindo à possibilidade de controle, contribuindo para reeducação. (LEITÃO, 1983, p. 90).

Diante das objeções existentes sobre a aprendizagem da pessoa com Paralisia Cerebral, é relevante que o professor esteja preparado para buscar a ajuda adequada e necessária, tendo em vista a particularidade de cada aluno. Existe uma variedade muito grande de materiais disponíveis, que servirão de elemento norteador na construção do material apropriado para que o aluno que contém PC consiga equidade nesse processo de ensino e aprendizagem.

É necessário que o educador esteja munido de informações, para que através de um olhar diferenciado, possa proporcionar ao aluno com Paralisia Cerebral, as mesmas oportunidades de aprendizagem, que são direcionadas a um aluno sem deficiência. Um fator muito importante que influencia diretamente na aprendizagem do aluno com PC, é ele está bem acomodado em seu assento, pois, além do conforto e segurança, a postura correta, favorece significativamente a aprendizagem do aluno.

Para tornar esse processo da aprendizagem do aluno com PC mais fácil, é importante ter a formação como Pedagogo e com aprofundamento em educação especial, pois, este profissional terá elementos suficientes para planejar e elaborar, estratégias e adaptações pedagógicas respeitando a necessidade individual de cada aluno(a), dando a ele equidade de oportunidades na construção do conhecimento. Relvas (2012, p. 38) afirma que:

O processo de aprendizagem é acompanhado por sentimentos, envolvendo o domínio de conhecimento na forma de fatos, figuras e pensamentos. A emoção ativa a atenção (o componente primário e mais vital de qualquer ato de aprendizagem ou processamento da informação), que depois desencadeia a memória de curto prazo e longo prazo e, eventualmente, torna o processo de aprendizagem possível. Para se ter aprendizagem, é preciso que ocorra excitação emocional.

Mediante do que é visto sobre o processo de aprendizagem da criança com paralisia cerebral, é notória a importância do olhar meticuloso do docente com as necessidades especiais do aluno, dessa forma, atentaremos o olhar para as metodologias utilizadas em sala de aula pelos docentes, para realizar esse processo de aprendizagem e inclusão.

1.4 A inclusão de alunos com paralisia cerebral por intervenção: as metodologias utilizadas pelos docentes na classe regular do ensino fundamental I

Todas as crianças têm o direito de participar de um processo de ensino e aprendizagem, precisa-se pensar em o quê, como, quando e onde se pode ensinar o aluno com paralisia cerebral? Pois segundo Relvas (2017, p. 19):

Compreender que os “atrasados” não existem no processo educacional e que todos, independentemente de suas dificuldades, têm direito a uma escola que promova uma

aprendizagem cognitiva, motora, afetiva e social é a maior tarefa da Sociedade Humana, pois “somos diferentes” em nossa totalidade.

Diversos autores afirmam que a inclusão é benéfica não apenas para o aluno, mas também para a sociedade como um todo, estimulando a conviver e a respeitar as diferenças. Inclusão é o processo de criar um todo, de juntar todas as crianças e fazer com que todas aprendam juntas (STAINBACK, S.; STAINBACK W., 1999).

Para inclusão do aluno com PC na classe regular, os primeiros passos para que isso ocorra é o conhecimento e vivência de ambos. O professor precisa ter o conhecimento das necessidades e particularidades do aluno que será trabalhada.

O debate sobre a inclusão escolar dos alunos com Paralisia Cerebral nos mostra que a perspectiva inclusiva nas escolas regulares é um processo gradativo, pois as ações inclusivas no projeto político pedagógico não atendem de fato, ou, não promovem um reconhecimento social dos alunos com deficiência no contexto escolar. Kunc (1992, p. 3) esclarece-nos, sobre a inclusão ao afirmar que:

O princípio fundamental da educação inclusiva é a valorização da diversidade e da comunidade humana. Quando a educação inclusiva é totalmente abraçada, nós abandonamos a ideia de que as crianças devem se tornar normais para contribuir para o mundo.

O reconhecimento e atenção às diferenças na escola são de extrema importância para uma construção de uma sociedade igualitária que estabelece uma relação de igualdade, respeito e compreensão com os alunos deficiência. Sasaki (1997, p. 20) explica que:

A inclusão é um processo no qual se amplia a participação de todas as pessoas com deficiência na educação. Trata-se de uma reestruturação da cultura, da prática e das políticas vivenciadas nas escolas de modo que estas respondam à diversidade de alunos como um direito de todos.

A inclusão demanda uma mudança de perspectiva educacional, tirando a centralidade apenas do estudante que apresente algum tipo de dificuldade, ampliando o foco para toda a comunidade escolar. Professores, alunos, administração e comunidade devem estar unidos com um objetivo apenas: o sucesso na corrente educativa geral. Dessa forma, são necessários investimentos não só em infraestrutura e adaptações físicas, mas também em recursos pedagógicos e formação docente (MANTOAN, 1998).

As estratégias pedagógicas utilizadas em uma sala de aula com alunos com PC devem conter questões sobre objetivos e grau de complexidade do tema a ser compreendido, tempo de aprendizagem, uso de materiais diversos e também a adequação da linguagem.

Direcionado a educação inclusiva, ambicionando a participação de todos, Philippe Perrenoud (2000) apresenta em sua obra intitulada “Dez novas competências para ensinar” os desafios que são colocados aos docentes, assim como as dificuldades em lhes responder.

A primeira competência que pode assessorar o docente em sala de aula é organizar e dirigir situações de aprendizagem. Corresponde a lecionar conteúdos programáticos numa diversidade de contextos escolares e acadêmicos, onde é preciso adaptar o ensino a situações concretas. Perrenoud (2000) coloca muito bem o problema dizendo:

É, sobretudo, dispor energia e tempo e dispor das competências profissionais necessárias para imaginar e criar outros tipos de situações de aprendizagem, que as didáticas contemporâneas encaram como situações amplas, abertas, carregadas de sentido e de regulação, as quais requerem um método de pesquisa, de identificação e de resolução de problemas. (PERRENOUD, 2000, p. 25-26).

Diante das situações postas ao docente mediante ao ensino inclusivo, o mesmo não pode se fechar na pedagogia tradicional e orientar o seu trabalho para problemas e situações concretas. Isto exige do docente um esforço acrescido, inclui conhecimentos a nível disciplinar, a partir das características e dificuldades dos alunos, planejar e envolver os discentes nas suas aprendizagens.

Outra competência que pode auxiliar o docente é envolver os alunos nas suas aprendizagens e no seu trabalho. Pujolás Maset (2011), fala das aulas inclusivas e no ensino cooperativo. Para esta autora, há que cativar o aluno na turma, os alunos aprendem e ajudam os colegas com deficiência, e por comparação cada um compromete-se a atingir uma dada meta.

Mediante a uma classe com uma extensa variedade de alunos, a procura por aprender o novo se faz necessário, por isso, a administração da sua própria formação contínua é mais uma das competências que pode facilitar o engajamento dos docentes. Perrenoud (2000, p. 155-156) identifica essa mesma necessidade dizendo “exerce-se um ofício em contextos inéditos, diante de públicos que mudam em referência a programas repensados, supostamente baseados em novos conhecimentos, até mesmo, novas abordagens e novos paradigmas. Daí a necessidade de uma formação contínua”.

Mesmo através de competências que colaborem para os docentes exercerem a educação inclusiva na classe regular, dúvidas frequentes rondam suas mentes, tipo, como integrar o aluno com deficiência na sala de aula? Nielsen (1999) indica que primeiro há que criar um ambiente inclusivo em que:

O professor não só deve transmitir sentimentos positivos como deve também revelar-lhes afeto. As atitudes do professor são adoptadas pelos restantes alunos. A criação de um ambiente positivo e confortável é essencial para que a experiência educativa tenha sucesso e seja gratificante para todos os alunos. (NIELSEN, 1999, p. 23).

Pensando nas metodologias que podem ser utilizadas pelo docente na classe regular que sejam benéficas para o processo de aprendizagem da criança com PC, essas só podem ser refletidas pelo educador, quando este convive diretamente com o aluno. As competências apresentadas salientam os conceitos de adaptar o ensino aos alunos, administrar a progressão das aprendizagens, promover aulas inclusivas e desenvolver o ensino cooperativo. Todos estes conceitos desafiam o professor a adaptar o ensino não apenas à turma, como às características de cada aluno.

1.5 Papel do (a) estagiário mediador (a) no processo de inclusão em sala de aula

No processo de inclusão em sala de aula regular, a carga inicialmente é direcionada ao docente responsável pela sala de aula, porém, nesse caminho da inclusão outros participantes são extremamente importantes nessa jornada. Para ser efetuado o trabalho pedagógico com os alunos deficientes é fundamental que tenham professores especializados e de um "estagiário(a) mediador(a)" que o ajudará nas atividades diárias na escola.

Segundo a legislação, na lei 13.146 (BRASIL, 2015) que instituiu a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, o direito ao profissional de apoio escolar é descrito como:

Pessoa que exerce atividades de alimentação, higiene e locomoção do estudante com deficiência e atua em todas as atividades escolares nas quais se fizer necessária, em todos os níveis e modalidades de ensino, em instituições públicas e privadas, excluídas as técnicas ou os procedimentos identificados com profissões legalmente estabelecidas. (BRASIL, 2015, Art. 3º XIII).

Alunos com limitações necessitam de ajuda diariamente para se inserir no ambiente escolar, e o estagiário(a) é um grande mediador no processo de inclusão. Pois quando o seu papel é prestado de forma planejada e bem inserida ele pode contribuir de uma forma positiva e dessa forma promover o desenvolvimento integral do aluno com deficiência.

O papel do estagiário foi mencionado como algo muito importante e significativo para as crianças com deficiência, porém, essa experiência com crianças deficientes é algo extremamente importante para o aluno que está em processo de formação para ser um educador, pois segundo Pimenta e Lima (2010), o estágio tem por finalidade propiciar ao aluno, uma aproximação à realidade que irá atuar e é componente curricular dos cursos de formação de professores, sendo uma atividade teórica, preparadora de uma práxis. Sendo assim, entende que o estágio prepara o acadêmico para a práxis docente, essa é uma fase de conhecimento, fundamentação, diálogo e intervenção na realidade, é neste contexto que a práxis se dá (PIMENTA; LIMA, 2010).

2 METODOLOGIA

O presente trabalho se caracterizou por ser uma pesquisa qualitativa. Segundo Minayo (2007, p. 21), “responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes”.

A pesquisa exploratória foi escolhida para direcionar essa pesquisa. Segundo Gil (2008, p. 27): “as pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores”.

As pesquisas exploratórias têm por objetivo oferecer uma visão geral sobre um determinado acontecimento, onde é discutido as experiências práticas com o problema pesquisado e análise de exemplos que facilitem o entendimento sobre o tema.

Contribuindo para esse movimento de coleta de dados, utilizamos da entrevista semiestruturada, para que dessa forma tenhamos conhecimento dos métodos utilizados pelos docentes em sala de aula, que favoreça a aprendizagem desses estudantes. Segundo Minayo:

A entrevista é tomada no sentido amplo da comunicação verbal, e no sentido restrito da coleta de informações sobre determinado tema científico, é a estratégia mais usada no processo de trabalho de campo. (2006, p. 64).

Dessa forma, percebe-se que as coletas de informações utilizadas nos darão auxílio para formar os sentidos sobre o processo de aprendizagem e inclusão de alunos com paralisia cerebral no ensino regular.

2.1 Participantes do estudo

Os participantes do estudo foram duas professoras do Ensino Fundamental I, e duas estagiárias mediadoras.

Professora A: Professora do Ensino Fundamental I de uma escola rede privada na cidade de Surubim. Têm 35 anos, têm formação profissional em Pedagogia e Pós em Psicopedagogia Clínica e Institucional, leciona há dez anos. Atua como professora de alunos com deficiência há cinco anos.

Professora B: Professora do Ensino Fundamental I da rede municipal de ensino de Surubim. Têm 56 anos, têm formação em Pedagogia, leciona há 30 anos. Atua como professora de alunos com deficiência há oito anos.

Estagiária mediadora A: Aluna do curso de Pedagogia (7º período) têm 25 anos. Atua no estágio como mediadora há dois anos.

Estagiária mediadora B: Aluna do curso de Pedagogia (9º período) têm 29 anos. Atua no estágio como mediadora há dois anos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Conhecendo o aluno

O primeiro ponto a ser analisado é a importância de o professor conhecer a fundo o seu aluno, sobre suas limitações, facilidade, necessidade e etc. Em sala de aula os professores lidam com diversas situações no dia a dia, porém, é visto que uma situação em particular tem os deixado bastante receosos sobre seu papel como docente, lidar com alunos com deficiência, no caso com paralisia cerebral que é o caso das duas professoras participantes, lhes colocaram em constante reflexão sobre como trabalhar em sala de aula. O ponto que será abordado é sobre as limitações mencionadas pelas professoras dos alunos.

O aluno consegue sim desenvolver habilidades, dependendo do grau da paralisia, no caso do meu aluno, ele realiza atividades com mais lentidão, da forma dele, mas ele consegue fazer, tem a questão da coordenação motora, que por conta da dificuldade tem que ser adaptada à atividade. (Professora A).

Ela evoluiu bastante desde o tempo que ela entrou na escola, quando ela entrou na escola há uns três anos atrás ela nem andava, precisava de cadeira de rodas para se locomover, mas com os tratamentos ela evoluiu muito, até correr hoje ela corre kk, ela consegue pintar, sabe escrever algumas letrinhas, ela hoje em dia é bem independente, mas ainda tem suas limitações com a coordenação motora, por isso as atividades dela são adaptadas para ela. (Professora B).

É visto que ambas reconhecem as limitações que cada aluno tem, é mencionado pelas duas sobre a dificuldade da coordenação motora dos alunos, conforme Marcondes (2002), na PC sempre há uma lesão neurológica que afeta o córtex motor; dessa forma, a maior dificuldade será na elaboração e execução dos movimentos, mas também elas reconhecem que ambos os alunos são capazes de realizar as atividades, retirando a imagem equivocada que o aluno com paralisia cerebral é uma criança incapaz, que o cérebro não funciona. Segundo Carvalho (2013),

conseguir olhar para o aluno e buscar nele potencialidades representa o rompimento de uma barreira atitudinal. Muitos professores atribuem ao aluno às barreiras de aprendizagem, correlacionando-as às suas dificuldades, e poucos são os que mencionam a sua atitude frente à diferença como uma barreira para a aprendizagem.

Nesse contexto, elas conseguem se direcionar a metodologias que facilite a aprendizagem de alunos com deficiência. É importante destacar que a aprendizagem, no contexto da educação inclusiva, é algo complexo e que envolve muitos fatores, deve ser uma experiência participativa e que possua significados que vão ao encontro das subjetividades de cada aluno (MANTOAN, 2003). Esse olhar do professor na singularidade do aluno faz toda a diferença no processo de ensino e aprendizagem do aluno, dessa forma ocorrendo à inclusão do mesmo em sala de aula.

3.2 Receio do diferente

Esse segundo ponto abordará sobre todos os pensamentos, medos, receios que o professor adquire ao se encontrar em uma situação de lidar com uma criança com paralisia cerebral em sala de aula. Os comentários das professoras remetem bastante sobre esse sentimento.

O receio de trabalhar com uma criança com paralisia cerebral é da gente não conseguir ajuda-la como ela necessita, porque a gente sabe que são muitos os desafios, a gente precisa estar ali o tempo todo, eu acho que a maior dificuldade que eu já enfrentei foi com o meu aluno que tem paralisia cerebral, porque ele é cadeirante, ai eu pensava a todo tempo né, como adaptar as atividades para aquela criança? Como fazer com que ela se movimente se ele está sentado em uma cadeira? Todas as áreas que eu ia fazer o planejamento eu sempre pensava nele, porque ele precisa, tudo deveria ser adaptado para que ele realmente fosse incluído. (Professora A).

Como já falei antes de início foi um choque, pois não tinha tido contato antes com uma criança com tantas limitações, eu tinha muito medo de não conseguir ajuda-la, de não conseguir dar conta, mesmo tendo tanto tempo em sala de aula, me senti uma recém-formada, me senti muito perdida, mas consegui me moldar como professora para ajudá-la. (Professora B).

Um pensamento em comum das professoras era o medo de não conseguir ajudar o(a) aluno(a) de alguma forma para esse processo de inclusão em sala de aula e também sobre o seu desenvolvimento na aprendizagem. A professora A mostra sua preocupação nas adaptações das atividades para que o aluno com paralisia cerebral possa ser inserido nelas. Segundo Bisol, Pegorini e Valentini (2017) é importante pensar na maneira como as restrições impostas pelo corpo influenciam a vida das pessoas com deficiência.

Outro ponto a ser discutido é sobre a preocupação da professora B em se moldar para atender as necessidades de sua aluna em sala de aula, ela menciona que não tinha preparo para acompanhar uma criança com deficiência, dessa forma teve o interesse de aprender metodologias novas para conseguir atender as necessidades daquela aluna. Essa ação da docente em querer se qualificar é de extrema importância para a inclusão do aluno, pois é a partir da forma como ela vai lidar tanto com o aluno com paralisia cerebral e com a turma em conjunto que vai direcionar para a realização da inclusão em sala de aula.

3.3 Desafios enfrentados na docência

Desafios é algo que o professor sempre enfrenta em sala de aula, lidar com a diversidade não é nada fácil e lidar com um aluno deficiente não seria diferente. Nesse ponto iremos abordar sobre os desafios postos as docentes que lecionam para alunos com PC, os comentários a seguir demonstram os desafios que as professoras enfrentam mediante a inclusão dos alunos.

O maior desafio era levar ele aos lugares, lugares que não tinham rampas, lugares que não tinham uma acessibilidade, tudo isso dificultava, tinha que procurar maneiras, pedir ajuda e também tirar ele da cadeira de rodas, de machucar, eu me preocupava muito com ele, com medo de machuca-lo. Quando íamos para a biblioteca todas as outras crianças ficavam em um tapete e ele na cadeira de rodas, ai, eu com a bibliotecária, porque nesse tempo eu estava sem estagiária, o colocávamos no tapete sentadinho junto com as outras crianças, pois a gente percebia que ele na cadeira e as outras crianças no tapete não era a mesma coisa, ele se sentia diferente, então tinha que trazer ele para onde os outros coleguinhas estivessem. Então a questão da locomoção era algo bem desafiador, também tinha situações que surgiam desconhecidas, por isso que é importante você sempre buscar ler, estudar sobre a dificuldade da criança para poder ajuda-la. (Professora A).

O mais desafiador para mim nesse momento é ter que sempre está procurando novas informações para melhor atender ela, para que eu possa adaptar tudo da melhor forma para que ela consiga realizar as atividades, para que ela consiga evoluir nesse processo de aprendizagem. (Professora B).

Percebe-se na fala da professora A os cuidados que ela tem ao corpo da criança que precisa ser tocada, manuseada e auxiliada. Outro ponto da fala da professora que chamou atenção foi a necessidade de incluir o aluno com os demais coleguinhas na atividade, onde ela retirou o menino da cadeira de rodas e o colocou perto dos coleguinhas, dessa forma criando uma aproximação dos outros alunos com o aluno com PC. Acolhimento é a palavra utilizada por Pasculli, Baleotti e Omote (2012) ao descreverem a relação entre os alunos e o auxílio realizado durante as atividades. Além disso, os autores afirmam ainda que, mais do que interagir, é importante que o aluno com deficiência e os demais colegas estabeleçam relações, possibilitando, assim, uma inclusão efetiva.

O comentário da professora B mais uma vez indaga sobre a importância de se alto moldar como docente para melhor atender a sua aluna em sala de aula. A preocupação de adaptar a sala de aula, seu ensino, perante a necessidade de um aluno, demonstra a sua vontade de que a inclusão se realize.

Retomando a fala da professora A, sobre os cuidados com o corpo do aluno, ambas as professoras mencionaram a necessidade e importância de se ter um(a) estagiário(a) em sala de aula para acompanhar o aluno na execução de tarefas diárias, como alimentação, locomoção e higiene.

3.4 O papel do(a) estagiário(a) mediador(a) na inclusão

Com o crescimento de matrículas de crianças com deficiência em sala de aula regular, a escola se viu na necessidade de um suporte dentro da sala de aula para apoio ao docente responsável. Na fala das duas professoras foi inserida a necessidade e presença de um estagiário (a) para auxiliar a criança com paralisia cerebral.

Sim, a criança precisa de ajuda, tem que ter alguém do lado estimulando muito ele né, e coordenado ali pra ele poder realizar as atividades, o professor ou a auxiliar precisa está ali pra dar todos os comandos para que aquela criança consiga compreender, o aluno com paralisia cerebral precisa de um olhar, ele precisa de alguém ali pra lhe ajudar, e quando não tem dificuldade muito para o professor né. (Professora A).

Quem auxilia o aluno é uma estagiária. (Professora A).

Sim, ela precisa de ajuda da estagiária que acompanha ela para tudo, ajuda ela a realizar as atividades, fica com ela em todos os momentos. (Professora B).

Esse(a) estagiário(a) é conhecido como mediador(a), pois é quem fica responsável pela higiene, locomoção e auxílio de atividades do aluno. Além dos cuidados o mediador tem que incentivar o aluno ao criar autonomia, o estimulando a realizar atividades do seu alcance, e nos momentos necessários deve interceder com o objetivo de que ela adquira uma aprendizagem significativa (MOUSINHO et al., 2010, s. p.):

O mediador é aquele que no processo de aprendizagem favorece a interpretação do estímulo ambiental, chamando a atenção para os seus aspectos cruciais, atribuindo significado à informação recebida, possibilitando que a mesma aprendizagem de regras e princípios sejam aplicados às novas aprendizagens, tornando o estímulo ambiental relevante e significativo, favorecendo o desenvolvimento. A principal função do mediador é ser o intermediário entre a criança e as situações vivenciadas por ela, onde se depara com dificuldades de interpretação e ação.

Mesmo com a maioria das adaptações sendo realizadas pelo professor regente, é visto pela fala das professoras a importância do(a) estagiário(a) mediador(a) dentro da sala de aula acompanhando a criança, pois sem eles o docente responsável pela sala de aula não conseguiria

dar a atenção e suporte necessário para a criança com paralisia cerebral. Na fala das estagiárias mediadoras é discutido sobre a sua importância no processo de inclusão e aprendizagem em sala de aula regular.

Eu não tinha muita noção da importância da educação inclusiva, só enxerguei com clareza quando vivenciei. O meu papel nesse processo é muito importante, pois a pessoa que é mediadora daquela criança com deficiência tem o papel de fazer a ligação daquela criança com tudo que acontece ao redor dela, como: a realização das atividades, interação com os colegas, locomoção pelos espaços da escola e etc. (Estagiária A).

Quando eu comecei a ser mediadora dessa aluna com Paralisia Cerebral, não tive tanto impacto, pois no meu estágio anterior eu trabalhei com crianças que tinham alguns transtornos, como Autismo, TDAH, entre outros. Eu sabia que ela iria precisar muito da minha presença para que ela conseguisse interagir com o ambiente escolar. Em todo o processo de inclusão dessa minha aluna, eu pude ver o como fui importante pra ela nesse momento, dei o meu melhor para que ela conseguisse realizar as tarefas, que ela conseguisse participar de tudo que acontecia em sala de aula e fora dela também. (Estagiária B).

Quando se discute sobre a inclusão de crianças com deficiência em sala de aula regular, o assunto sempre é mais direcionado para a professora, onde a mesma acaba carregando uma responsabilidade extensa, que na verdade deve ser compartilhada. A mediadora nesse processo vem mostrando que a sua participação nesse processo de inclusão e aprendizagem é primordial, onde a mesma auxilia a professora nesse momento e serve de ponte do aluno com toda a realidade da sala de aula regular e espaço escolar e também como os outros alunos, como uma das estagiárias mediadoras mencionou em sua fala.

3.5 Metodologias usadas pelo docente

Quando docentes iniciam seu trabalho com crianças com necessidades especiais, sempre é levantado questionamentos sobre como trabalhar com essa criança? Como devo proceder? Quais metodologias são mais eficazes para o processo de aprendizagem dessa criança? Alguns pontos das falas das professoras trazem sobre suas experiências, a forma como elas trabalha com esses alunos, como elas lidam com a sala de aula e metodologias utilizadas.

Os métodos utilizados foram vários, primeiro tinha a questão da rotina, que como tinha dificuldade dele se locomover, tinha a questão do horário do lanche, que era antes porque ele demorava um pouco mais, quando tínhamos atividades externas, também tínhamos que nos preparar antes, teve também a adaptação da cadeira, para que ele ficasse confortável e dessa forma facilitasse a realização das atividades. Precisei de muitos estudos, para elaborar atividades concretas, jogos de encaixe para que ele pudesse manusear algo que ajudou bastante na coordenação motora dele, e também realizei muitas atividades diferenciadas lúdicas para que prendesse a atenção dele. (Professora A).

Bom, o que me ajudou bastante de início foram as formações realizadas pela prefeitura, consegui adquirir várias informações que foram de extrema importância

para o processo de inclusão da minha aluna, como inicialmente conhecer ela, as suas limitações, que dessa forma eu comecei a me preparar para esse processo, conheci vários métodos também que hoje em dia utilizo em sala de aula e acho muito eficaz, como os jogos, as atividades para a coordenação motora, as atividades lúdicas que chama bastante atenção dela para a aula, algo que aprendi e que foi muito importante nessas formações que foi sobre as aulas inclusivas, onde ensino aos demais alunos para ajudar o coleguinha que tem mais dificuldade, isso foi um divisor de águas para a aproximação dela com os outros coleguinhas. (Professora B).

Na fala das professoras há diversos pontos superimportantes para serem mencionados sobre as práticas utilizadas em relação ao aluno com PC. A locomoção do aluno foi algo mencionado pela professora A, onde ela tem a preocupação com a forma do aluno se adaptar a sala de aula para que dessa forma ele se sinta confortável para realizar as atividades e que possa participar ativamente das atividades juntamente com os demais alunos. Dessa forma a docente estimula o aluno com paralisia cerebral a se incluir na rotina da sala de aula, com base em Stainback e Stainback (1999), entende-se que a importância da inclusão escolar da criança com PC deva ir muito além de promover a socialização, mas principalmente promover condições e situações que estimulem a aprendizagem, a reflexão e a autonomia.

Em seguida a mesma professora menciona as atividades e jogos que ela incluiu para o aluno dela, com a intenção de motiva-lo e trabalhar a sua coordenação motora. Carvalho (2013) diz que uma das formas de remover obstáculos nos processos de aprendizagem é torná-lo interessante e útil. E para que isso ocorra, é preciso que o docente observe seu aluno para que dessa forma entenda suas necessidades busque formas de motivá-lo.

A fala da professora B representou bem a busca dos professores quando estão trabalhando com o diferente, que é a formação, para que dessa forma se sintam aptos e mais confiantes. Ela menciona que as formações que a prefeitura realizava foi algo que ajudou muito ela nesse processo de ser uma professora inclusiva, pois a mesma tinha um conhecimento muito escasso sobre a inclusão. Para Carvalho (2013, p. 161), a formação continuada dos professores é uma estratégia que possibilita modificar práticas que já foram há muito tempo estabelecidas, pois, através de novos conhecimentos, é possível transformá-las através de “novas teorias e novas práticas, alicerçadas em outra leitura de mundo e, principalmente, na crença da infinita riqueza de potencialidades humanas”.

Além da preocupação do espaço e das atividades para esse aluno com paralisia cerebral, a professora B mencionou outro método que a ajudou muito na inclusão da sua aluna, que foi tornar a “aula inclusiva”, com esse método ela ensina os demais alunos a ajudarem os que mais necessitam de suporte, fazendo assim uma ajuda coletiva, ensinando os seus outros alunos sobre solidariedade, empatia, generosidade, entre outros sentimentos positivos. Como Mantoan

(2004) afirma que, para que a inclusão ocorra, é necessário que as barreiras sejam ultrapassadas e novos caminhos educacionais sejam criados.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de todas as informações e reflexões sobre a inclusão de crianças deficientes, com ênfase em crianças com paralisia cerebral na sala de aula do ensino regular, observamos a importância da união de todos os personagens (professor, mediador, família) participantes nesse processo de inclusão, para que possam atender esta criança em sua totalidade. A responsabilidade do professor nesse caminho da inclusão é de desenvolver uma pedagogia centrada no educando, uma pedagogia capaz de educar com êxito todos os seus educandos, incluindo aqueles com deficiências e limitações. Com a procura de novas informações, novos conhecimentos, objetivando se recriar como docente, descobrindo e experimentando novas formas de ensinar. Com a união de todos os pontos participativos, almejando, se dedicando acreditando no potencial desses alunos, a inclusão em sala de aula ocorrerá e fará a diferença na vida de diversas pessoas que estavam esquecidas no tempo por conta de suas limitações.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, D. A.; LIMA, E. D. R. P. Dificuldades enfrentadas pelo cuidador na inclusão escolar de crianças com paralisia cerebral. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 27, n. 3, p. 281-303, dez. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-46982011000300014>. Acesso em: 22 out. 2022.

BISOL, C. A.; PEGORINI, N. N.; VALENTINI, C. B. Pensar a deficiência a partir dos modelos médico, social e pós-social. **Caderno de Pesquisa**, São Luís, v. 24, n. 1, p. 87-100, jan./abr. 2017. Disponível em: <http://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/6804>. Acesso em: 22 out. 2022.

BOBATH, B.; BOBATH, K. **Desenvolvimento motor nos diferentes tipos de Paralisia Cerebral**. São Paulo: Manole, 1989.

BOBATH, K. **Uma base neurofisiológica para o tratamento da paralisia cerebral**. 2. ed. São Paulo: Ed. Manole, 1995.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília: Secretaria Geral, 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm. Acesso em: 24 out. 2022.

BUENO, S. T.; RESA, J. A. Z. **Educación Física para niños y niñas com necesidades educativas especiales**. Malaga: Ediciones Aljibe, 1995.

CÂNDIDO, A. M. D. M. **Paralisia Cerebral**: Abordagem para o pediatra geral e manejo multidisciplinar. 2004. Monografia (Residência Médica em pediatria) – Hospital Regional da Asa Sul, Brasília, 2004. Disponível em: <http://paulomargotto.com.br/paralisia-cerebral-abordagem-para-o-pediatra-geral-e-manejo-multidisciplinar-2/>. Acesso em: 22 out. 2022.

CARDOSO, P. R. **Fisioterapia na paralisia cerebral**. São Paulo: Sarvier, 1971

CARVALHO, R. E. **Educação Inclusiva**: com os pingos nos “is”. 9. ed. Porto Alegre: Mediação, 2013.

FIGUEIREDO, H. B. Diagnóstico Precoce da Paralisia Cerebral. *In*: LEITÃO, A. (Org.). **Paralisia cerebral**: diagnóstico, terapia, reabilitação. Rio de Janeiro: Atheneu, 1983. p. 15-30.

GERSH, E. O que é paralisia cerebral? *In*: GERALIS, E. **Crianças com paralisia cerebral**: guia para pais e educadores. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

KUNC, N. The need of belong: rediscovering maslows hierarchy of needs. *In*: VILLA, J. S.; THOUSAND, W.; STAINBACK, E. S.; STAINBACK, S. (Orgs.). **Restructuring for caring and effective education**: an administrative guide to creating heterogeneous schools. Baltimore: Paul Brookes, 1992. Disponível em: <https://www.broadreachtraining.com/the-need-to-belong-rediscovering-maslows-hierarchy-of-needs>. Acesso em: 22 out. 2022.

LAZZARETTI, B.; FREITAS, A. S. Família e escola: o processo de inclusão escolar de crianças com deficiência. **Caderno Intersaberes**, [S. l.], v. 5, n. 6, p. 1-13, jan./dez. 2016.

LEITÃO, A. (Org.). **Paralisia cerebral**: diagnóstico, terapia, reabilitação. Rio de Janeiro: Atheneu, 1983.

MANTOAN, M. T. E. Educação escolar de deficientes mentais: problemas para a pesquisa e o desenvolvimento. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 19, n. 46, set. 1998. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-32621998000300009>. Acesso em: 22 out. 2022.

MANTOAN, M.T. E. **Inclusão escolar**: o que é? por quê? como fazer?. São Paulo: Moderna, 2003.

MANTOAN, M. T. E. Uma escola de todos, para todos e com todos: o mote da inclusão. *In*: STOBÄUS, C. D.; MOURIÑO MOSQUERA, J. J. (Orgs.). **Educação especial**: em direção à educação inclusiva. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 27-40.

MARCONDES, E. **Pediatria básica**. 9. ed. São Paulo: Savier, 2002.

MINAYO, M. C. S. **Violência e Saúde**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006

MINAYO, M. C. S. O desafio da pesquisa social. *In*: MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F.; GOMES, R. (Orgs.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 26. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 9-29.

MOUSINHO, R. et al. Mediação escolar e inclusão: revisão, dicas e reflexões. **Revista psicopedagogia**, São Paulo, v. 27, n. 82, p. 922-108, 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862010000100010. Acesso em: 22 out. 2022.

NIELSEN, L. B. **Necessidades educativas especiais na sala de aula**: um guia para professores. Porto: Porto Editora, 1999.

OLIVEIRA, C. A. D.; MENDES, E. C.; ROSSLER, M. T. F. **Inclusão**: o início de uma trajetória – a intervenção da terapia ocupacional contribuindo para a inclusão educacional e social de uma criança com paralisia cerebral. [S. l.; s. n.], 2009.

PASCULLI, A. G.; BALEOTTI, L. R.; OMOTE, S. Interação de um aluno com Paralisia Cerebral com colegas de classe durante atividades lúdicas. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Marília, v. 18, n. 4, p. 587-600, out./dez. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-65382012000400004>. Acesso em: 22 out. 2022.

PERRENOUD, P. **10 novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2000.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. **Estágio e docência**. 5. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2010.

PUJOLÁS MASET, P. **9 ideas clave**: El aprendizaje cooperativo. Barcelona: Ediciones Graó, 2011.

RELVAS, M. P. (Org.). **Que cérebro é esse que chegou à escola?** As Bases Neurocientíficas da Aprendizagem. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012.

RELVAS, M. P. **A Neurobiologia da Aprendizagem para uma escola humanizadora**: observar, investigar e escutar. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2017.

SASSAKI, R. K. **Inclusão**: construindo uma sociedade para todos. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

STAINBACK, S.; STAINBACK, W. **Inclusão**: um guia para educadores. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

TABAQUIM, M. L. M. **Paralisia cerebral**: ensino de leitura e escrita. Bauru: EDUSC, 1996.

APÊNDICE A – ROTEIROS DAS ENTREVISTAS

Roteiro entrevista com o docente

- Quais os desafios para você, como docente, em relação ao aluno?
- Como é a aprendizagem do aluno com paralisia cerebral?
- O que o aluno consegue fazer?
- Ele precisa de ajuda?
- Se sim, quem o auxilia?
- Que ideias, dúvidas ou receios surgiram quando você sabe que teria em sala de aula uma criança com paralisia cerebral?
- O que você considera mais desafiador no trabalho com esse aluno?
- Quais os métodos utilizados no processo de ensino aprendizagem do aluno com paralisia cerebral?

Roteiro entrevista com o/a estagiário (a) mediador (a)

- Como lidou quando soube que acompanharia uma criança com paralisia cerebral?
- Em que momentos você acompanha a criança com PC?
- Como lida com as adversidades encontradas nesse processo de inclusão da criança com PC?
- Qual sua opinião sobre o processo de inclusão da criança em classe regular?

LUCY MELO DE AGUIAR LIRA

PARALISIA CEREBRAL E APRENDIZAGEM: a inclusão na classe regular no ensino
fundamental I

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Pedagogia do
Campus Agreste da Universidade Federal de
Pernambuco – UFPE, na modalidade de artigo
científico, como requisito parcial para a
obtenção do grau de licenciada em Pedagogia.

Aprovado em: 02/09/2021

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Ana Maria Tavares Duarte (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. M.^a Raianny Kelly Nascimento Araújo (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^ª. Dr. Fernando Antônio Gonçalves de Azevedo (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco